



# PODCAST ELAS ESCREVEM

com NEUSA JORDEM 



## Apoio Cultural:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Editora: Marina Jordem Almança Possatti  
Revisão ortográfica: Sueli Gonçalves da Fonseca e Neusa Jordem  
Diagramação: Janice Delunardo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

**Autores diversos**

**Elas Escrevem. Autores diversos ; -- Vila Velha, ES  
: Editora Jordem, 2025.**

**ISBN 978-65-5490-043-1**

**1. Contos brasileiros 2. Poemas brasileiros**

**24-203342**

**CDD-B869.3  
-B869.8**

**Índices para catálogo sistemático:**

- 1. Contos : Literatura brasileira B869.3**
- 2. Poemas : Literatura brasileira B869.8**

**Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415**



Tel: (27) 99954-1767  
emails: editorajordem@gmail.com  
neusajordem@yahoo.com.br  
neusajordem@gmail.com



## ÍNDICE

FAROESTE SENTIMENTAL, Sandra Valladão.....	04
O MUNDO, Rita de Cássia da Silva.....	05
CIRANDANDO, Sonia Saadi de Barros.....	06
REFLEXO, Claudia Viuvanegra.....	07
SIGO TEAMANDO, Cinthia Pretti.....	08
TRILHA, Maria Neide da Rocha Sousa.....	09
O MENINO QUE AMAVA DESENHAR, Keila Evangelista .....	11
O SILÊNCIO QUE FALA, Elizabete Grigório .....	13
VOZES FEMININAS, Marilene Oliveira Rodrigues.....	15
MEU CABELO ENROLADINHO, Patrícia Neves Nascimento.....	17
ESTAÇÃO PALAVRAS, Laurany Márcia Redins.....	18
UM DIA, UM ADEUS, Gabriela Berghe.....	20
O MÚSICO, O RATO E A VARINHA MÁGICA, Sônia Rosseto .....	23
SOTECO, PASSADO E PRESENTE, Carlos Cesar Santana.....	26
LÁ - ONDE ESTAVAM, Penha Franzotti Donadello.....	29
O VAZIO NÃO FOI FEITO PRA SE IMPORTAR, Leticia Vilaronga.....	31
A MENINA QUE QUERIA SER A MARIA, Edina Pereira .....	33
MAIS UM DIA, Aline Laranjeira .....	36
A BELA DAMA, Maria Eduarda Lana .....	37

## ÍNDICE

BORBOLETA, Danieli Cavalcanti.....	40
PERMITA-SE, Rosineide Reis Santos .....	41
CALMA MENINA, Angela Gabriela .....	42
ACRÓSTICO, Neida Neves .....	43
O ATELIER DO ARTISTA, Sonya Ramos .....	44
CARA, MELO, Danieli Cavalcanti .....	46
A SEREIA DE MEAÍPE, Amanda Carvalho Oliveira .....	48
CROCHÊ, Rita de Cássia Menezes .....	51
O VELHO E O MENINO, Ana Maria Cacia .....	53
DANÇA DA ONÇA, DANÇA DA CRIANÇA, Monique Ruas .....	54
O QUE ENLOUQUECEU?, Isabel Menezes .....	55
SE ESSA RUA FOSSE MINHA, Neusa Jordem .....	56
LITERATURA COM PSICANÁLISE, Maria Celeste Lima .....	57
DIÁRIO DE ZITA, Rita de Cássia Côgo .....	60
Fabiola Sampaio .....	63



# FAROESTE SENTIMENTAL

Sandra Valladão

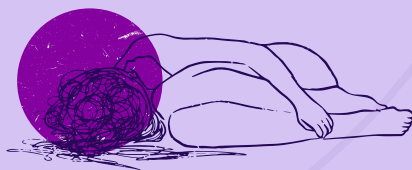
Às vezes sinto que estou rodeada de pessoas,  
que passam apressadas...

As imagens que levam em seus rostos são  
vazias e expressam angústia e solidão!

Sentem saudades de alguém ou algo?  
Não sei e nem me atrevo a perguntar.  
Deixo que chorem as suas mágoas e torço para  
que um dia se curem.

O celular toca e uma amiga reclama das  
mazelas de uma paixão que se esvai.  
O seu coração, de tanto sofrer, não aguenta  
mais e ela se desespera.

Neste mesmo instante, recebo de outro alguém  
um poema falando de amor e dor.  
Diz da saudade e de sonhos interrompidos.  
Sofre por não ter dito adeus!



## O MUNDO

Rita de Cássia da Silva

Andarilho sem rumo, em busca de um universo colorido,  
que só você vê!

Pássaros cantando, água seguindo o seu trajeto, flores  
nascendo. Sol iluminando!

Esse trajeto, que percorres, é magia, poesia, esperanças,  
coragem, para vencer o medo, e se realizar por um  
momento.

É a salvação de tanta insegurança, questionamentos.  
Prossiga sonhando!

Esse é o caminho.

Do lado de cá Inteligência Artificial!

Tudo gira muito rápido em uma nova ordem mundial,  
com mudanças tão bruscas, que nos causam medo.

Androides, pessoas robotizadas na memória, em que o  
tempo e os robôs, dominam tudo.

E nós estamos dependentes deles.

Os homens estão sendo moldados e adaptados nesse  
mundo dominador.

Sem escolhas.

Breve eles serão a nova família, dessa geração.

Que triste.

## CIRANDANDO

Sonia Saadi de Barros

Ó jardineira, por que estás tão triste?

Mas o que foi que aconteceu?

Foi o cravo que brigou com a Rosa

E a Rosa quase morreu.

Quando olhei a terra ardendo

Qual fogueira de São João

Pedi a Frère Jacques que acordasse

Para apagar o fogo do sertão.

Aí a canoa virou, não vou deixá-la virar

Chamei Chapeuzinho e o Lobo bom

Para me ajudarem a canoa do rio Orar.

Cai, Cai, balão, que absurdo não cai não.

Se for a casa cair, não será na minha mão

Então te proponho me ajudar na plantação

Porque o balão, se aqui cair

A terra não vai queimar, não.



## REFLEXO

Claudia Viuvanegra

No espelho da existência, meu reflexo revela,  
Traços do que somos com muita cautela.  
Entre luz e sombra, tua presença se entrelaça.  
Meu eu reflete o eco da tua graça.

No espelho da verdade, antes de julgar.  
Reflete o olhar, debes ponderar.  
Se a imagem revela, também a imperfeição.  
A empatia floresce, nesse gesto de compreensão.

Nas linhas da vida, te encontro no espelho.  
Um retrato fiel, meu eterno conselho.  
Refletindo jornadas, vitórias e enganos.  
Contemplo, com amor nos meus planos.

Tu és o eco da minha história contada.  
Marcas e rugas, cada jornada atravessada.  
Nos olhos, reflexo do riso e da dor.  
Guardião silente, testemunha do meu fervor.

Em cada traço, vejo o tempo fluir.  
Cicatrizes que o passado quis construir.  
A jornada é longa, cheia de ensinamento.  
E contigo, reflexo, enfrento cada momento.

Às vezes, te encaro com questionamento.  
Buscando na imagem um claro entendimento.  
Mas, no fundo, aceito teu abraço sincero.  
É parte de mim, um laço severo.

Então, nesta carta, expresso meu apreço.  
Ao reflexo que encara, sem receio.  
Juntos, seguimos, nesta dança do viver.  
Unidos, eu e meu reflexo, a aprender e crescer.





## SIGO TEAMANDO

Cinthia Pretti

Filho, nunca se esqueça!

No seu choro, TEACALMO  
Nas crises, TEAMPARO  
Em suas conquistas, TEABRAÇO  
E por toda vida, sigo TEAMANDO.

Do seu jeito, TEACEITO  
Nos momentos tristes, TEACOLHO  
Nas dificuldades, TEACOMPANHO  
E por toda vida, sigo TEAMANDO.

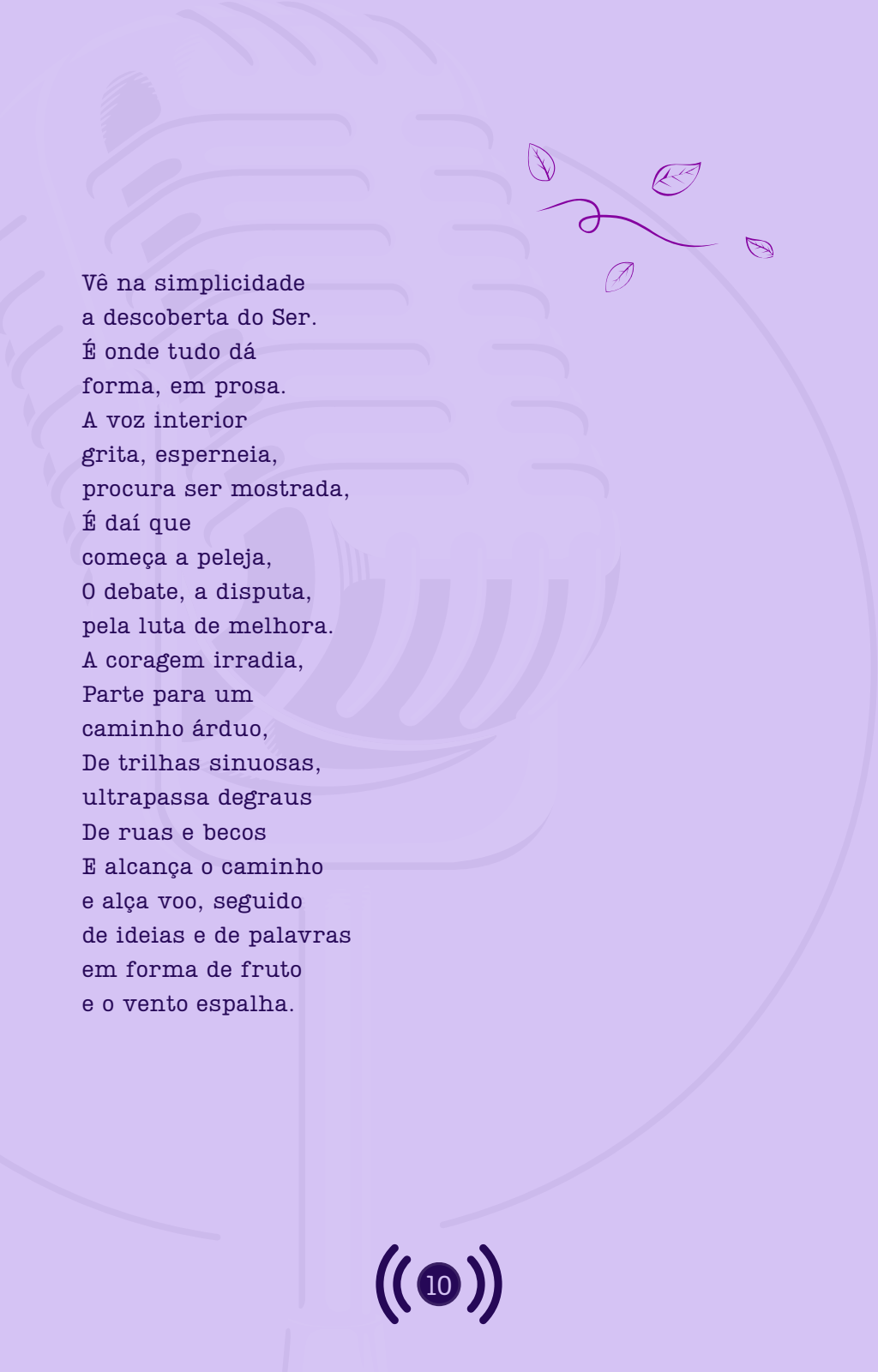


## TRILHA

Maria Neide da Rocha Sousa

O vislumbre visível  
que se liberta,  
Nos degraus  
que o tempo mostra,  
Oh! Vida que brilha,  
tal qual chama  
que cativa!  
Da brisa que ameniza  
o sol escaldante  
da dura lida,  
vivida e cumprida,  
do inservível que se  
transforma em vida.  
Daí aparece ela,  
a flor que desabrocha,  
como chama, que  
clama, que reclama,  
Descreve a vida  
e enxerga além.  
Descobre a essência  
no olhar na labuta do dia  
a dia e do afazer,





Vê na simplicidade  
a descoberta do Ser.  
É onde tudo dá  
forma, em prosa.  
A voz interior  
grita, esperneia,  
procura ser mostrada,  
É daí que  
começa a peleja,  
O debate, a disputa,  
pela luta de melhora.  
A coragem irradia,  
Parte para um  
caminho árduo,  
De trilhas sinuosas,  
ultrapassa degraus  
De ruas e becos  
E alcança o caminho  
e alça voo, seguido  
de ideias e de palavras  
em forma de fruto  
e o vento espalha.

## O MENINO QUE AMAVA DESENHAR

Keila Evangelista

Rabiscar, desenhar, pintar, era o que ele mais gostava.

O nome dele era Joab.

Com 2 anos de idade, Joab já fazia seus rabiscos coloridos usando diversos materiais como lápis, giz, cola colorida e tinta.

Quando sua mãe descobriu que com essa idade ele desenhava com facilidade, deu muitos e muitos papéis para ele desenhar à vontade.

O menino era muito observador e expressava através do desenho tudo o que imaginava desde muito pequeno. Desenhava pessoas, animais, plantas, objetos, céu, chão.

Desenhos de sua própria imaginação ou de histórias que ouvia.

Ele também fez algumas belas pinturas em parede e em tela.

Joab foi crescendo e desenhando cada vez melhor. Amava fazer paisagens com animais do mar, como baleia, tubarão, polvo, peixes.

Animais terrestres, como dinossauros, leão, onça, canguru, raposa, elefante.

Desenhava pássaros e insetos como besouros, gafanhotos, louva-deus.

Na escola fazia lindos desenhos que os professores pediam para datas comemorativas.

Viajava na sua imaginação!

Criou história em quadrinhos com desenhos e escritas.

Fazia personagens e cenários.

Na sua adolescência Joab começou a fazer fotografia de pessoas e também inventava outros desenhos.

Essa é a história do menino que amava desenhar.



## O SILÊNCIO QUE FALA

Elizabete Grigório

A biblioteca, um santuário do saber, um labirinto de histórias e ideias. Mas, por trás das imponentes estantes de metal, um segredo sombrio se esconde: o silêncio que fala.

Passo entre as fileiras de livros, meus pés afundando em um tapete de poeira que se eleva como uma névoa tênue. As capas, outrora vibrantes, agora estão desbotadas e rachadas, como a pele de um velho pergaminho. As páginas, amareladas pelo tempo, guardam segredos que talvez nunca mais sejam revelados.

Lembro-me da época em que esta biblioteca era um lugar mágico. As prateleiras lotadas, a agitação dos estudantes, o cheiro característico de papel velho misturado com tinta. Mas algo se perdeu no caminho. A falta de investimento, a desvalorização da cultura e o avanço da tecnologia digital transformaram este espaço sagrado em um depósito de livros esquecidos.

A poeira que cobre os livros é mais do que uma simples sujeira. É um símbolo da negligência, do descaso com o patrimônio cultural e científico. Cada partícula que se deposita sobre as páginas é como uma lágrima que cai sobre um sonho.



As estantes, outrora repletas de vida, agora parecem sepulcros de conhecimento. Os livros, como múmias, aguardam pacientemente a chegada de um arqueólogo que os resgate do esquecimento.

Mas, apesar da tristeza que me invade ao ver este cenário, uma pequena faísca de esperança permanece. Acredito que um dia a biblioteca voltará a ser um lugar de encontro, de troca de ideias, de formação de leitores. Acredito que a paixão pela leitura ainda existe em muitos corações.

As folhas do calendário se desprendem, levando consigo mais um ano de abandono. A biblioteca permanece imutável, um mausoléu de conhecimento. A poeira se acumula, cobrindo os livros como um sudário. As estantes, testemunhas silenciosas do tempo, parecem lamentar a perda de um passado glorioso.

## VOZES FEMININAS

Marilene Oliveira Rodrigues

Percorreram um longo caminho  
Para os direitos conquistar  
Enfrentaram preconceitos  
Difíceis de suportar.

Em uma sociedade machista  
Tiveram muito o que lutar  
Por direitos essenciais  
Como o simples gesto de votar.

Na sociedade pós-moderna  
Chegaram ao grande escalão  
Comandam grandes empresas,  
Enfrentam triplas jornadas,  
Sem perder o sorriso no rosto  
E a ternura do coração.

A representatividade feminina se encontra em todo lugar  
Nas diversas esferas sociais,  
Lideram suas famílias,  
E são provedoras do lar.



As vozes femininas  
Alcançaram o alto patamar,

Mas a busca por liberdade,  
Despertou a ignorância dos homens  
Que hoje querem lhes calar.

As vozes femininas  
Necessitam de serem ouvidas  
Já chega de violência!  
Vamos preservar a vida.

# MEU CABELO ENROLADINHO

Patrícia Neves Nascimento

Meu nome é Mig e o meu cabelo é bem grande!

Vivo olhando os cachinhos de minha cabeça no espelho.  
Eles são tão marronzinhos.

Mas de onde veio esse cabelo assim?

Mamãe me disse:

- Esses cachinhos são iguais aos meus e de sua vovó.  
São muitos cachinhos que crescem todo dia e a gente  
enche de lacinhos.

Que lindos os seus cachinhos!



## ESTAÇÃO PALAVRAS

Laurany Márcia Redins

Espalham-se sobre a mesa  
As últimas páginas escritas,  
Muitas delas amassadas,  
Outras tantas rasuradas,  
Onde as letras tropeçam, se ajeitam  
e uma história tarda a aparecer.

Toda hora é um dilema  
Troca essa palavra e convida aquela outra,  
Quero escrever isso e sai aquilo,  
Não sei mais o que fazer,  
Ajeito, contorno, repenso  
e sem manobrar as palavras,  
sinto que não consigo escrever.

A relação entre as palavras  
desencadeia problemas à vista,  
Uma pretende aparecer mais que a outra,  
E a outra não muda seu ponto de vista.

Não aceitam o convite  
De viajarem juntas no texto,  
Umam desejam dar significado ao texto,  
Outras são instrumentos de briga.

A partir de agora,  
Diante das tantas folhas amassadas  
Da imaturidade de algumas palavras,  
De não saber mais orientar e dar conselhos,  
Assumo a posição adulta da relação.

Busco o desenvolvimento das ideias  
Como um farol aceso sobre um rochedo,  
Isso envolve um certo sentido de obrigação,  
O texto absolutamente livre,  
É um dado de libertação.

Determinado o rumo  
Entre a correnteza dos não  
E a brisa do sim,  
Manobro cada palavra  
Sutilmente, mansamente  
Para que não percam sua direção.



## UM DIA, UM ADEUS

Gabriela Berghe

Um dia. Isso com certeza é muito pouco para um adeus. Um dia não é suficiente para você dar todos os abraços do mundo, não é suficiente para dar o carinho necessário para a pessoa que você nem sabia que iria partir.

Um dia não é o suficiente para ver o filme “10 Coisas que eu odeio em você”, como fizemos na sexta-feira à noite.

Um dia não é o suficiente para entrar em um ônibus e rir alto porque a Gabs estava dormindo escorada na Grazi.

Um dia não é o suficiente para a Grazi fazer o melhor suco de limão que existe e a Gabs fazer careta por estar muito forte.

Um dia não é o suficiente para a Gabs fazer as palhas italianas do meu aniversário e ficar falando pra Nanis provar.

Um dia não é o suficiente para a Yandra se despedir sem um abraço.

Um dia não é o suficiente para o Niclinhas fazer a Grazi rir.

Um dia não é o suficiente para a Let estar cheirosa demais e a Grazi falar: “cheirinho de tchetchecia” e dar um sorriso superfofo.

Um dia não é o suficiente para mim e Gabs entrarmos na monitoria da Emilly cantando “monitoraaaa” superdesafinado.

Um dia não é o suficiente para a Jhenny pegar o meu celular com a Grazi e tirar fotos fazendo caretas.

Um dia não é o suficiente para a Gabs dançar com a Alice.  
Um dia não é o suficiente para ler todos os cartazes que deixaram em nossa sala.

Um dia não é o suficiente para andarmos na rua de noite e tomarmos *milkshake* de ninho trufado e picolé de brigadeiro.

Um dia não é o suficiente para o naninho ficar com a Grazi.

Um dia não é o suficiente para escutarmos “Amanhecer” no pôr do sol antes de entrarmos no carro.

Um dia não é o suficiente para eu esquecer da promessa que fiz pra Grazi se ela entrasse no carro.

Um dia não é o suficiente para eu me esquecer do dia em que a Gabs falou que meu abraço era um evento.

Um dia não é o suficiente para a Gabs deixar de amar a Yandra.

Um dia não é o suficiente para a Gabs esquecer o inominável.

Um dia não é o suficiente para eu poder apertar a mão da Grazi e falar que amo.

Um dia não é o suficiente para a Grazi dizer “eu amo vocês”.

Um dia não é o suficiente para eu me esquecer.

A conexão que temos nunca deixará de existir e a negação ainda me consome, mas consigo viver com ela amigavelmente de alguns dias pra cá.

Saudade é um termo que virou rotina e que sinto todos os dias, sinto que um dia não foi o suficiente para fazer metade das coisas que planejamos, mas um dia foi o suficiente para eu amar vocês incondicionalmente e com todo o meu coração.

Não esperem pela eternidade para amar, façam isso nas vinte e quatro horas de um dia qualquer, em uma tarde bonita com sorrisos, abraços e um bom filme.

Pois, um dia tem vinte e quatro horas, mas você pode perder quem você ama em vinte e quatro minutos sem poder dizer adeus.

Um dia tem vinte e quatro horas, mas um adeus tem a eternidade.

“Eu amo vocês”.



# O MÚSICO, O RATO E A VARINHA MÁGICA

Sônia Rosseto

Muito alegre e dedicado, o menino Danilo tinha um sonho de ser músico e ter uma orquestra.

Certa vez, indo para casa, teve a magnífica ideia de criar um coral com as crianças e idosos das redondezas de seu bairro.

Foi à casa do senhor Manoel que era exímio no violão e o convidou para compor aquela quase orquestra, para animar o coral de vozes. Convidou também Leonardo seu amigo que, no teclado, dava um show. Não esqueceu o senhor Barbosa que no pandeiro, os aplausos eram certo! Dentre esses, ele foi chamando mais amigos que tocavam instrumentos. Estava quase completa a quantidade de instrumentos para a formação da orquestra. Agora, faltava convidar as vozes.

E lá se foi Danilo, pela rua fazendo o convite. Entrou nas vielas, subiu escadarias, desceu morros, avenidas e não se cansava de convidar os vizinhos, amigos e até o pessoal do outro quarteirão foi convidado.

Danilo dormia e acordava pensando nesse coral. Vivia correndo para lá e para cá, procurando crianças, idosos e, entre eles, meninos, meninas, mulheres e homens.

Os dias foram passando e Danilo viu que as pessoas não chegavam para a primeira reunião, da formação do coral. Ele começava a ficar triste porque sabia que a música seria um estímulo para a alegria dele e de todos. Ele sempre dizia que a Arte salvava vidas!

E lá ia o pequeno músico mais uma vez em busca de cantores e tocadores, e, sem sucesso, pois o pessoal marcava, mas não aparecia um sequer, para se juntar à sonhada orquestra ou o coral.

Danilo saiu mais uma vez pelas ruas, becos vielas, morro... à procura de novos componentes para realizar seu sonho. Ele não queria desistir! E pensou: “vou ver se consigo uma varinha bem legal, para servir de batuta”, pensou que se conseguisse a tal varinha, poderia depois como mágica, o povo chegar.

Quando menos esperava avistou no chão uma varinha linda! Uma ponta fina e toda torneada, mas, ele viu que parecia que a tal varinha se mexia. Sorrindo pensou se indagando "uma varinha mágica!? Vai ser sucesso. Vou chamar o pessoal e eles vão se encantar". Assim, abaixou-se para pegar a varinha e, para sua surpresa, levou uma mordida inesperada e ele soltou um grito em dó maior.... aaaaaaaaaaaaaaaaaaiiiiiii... que ecoou por toda vizinhança.

Correndo, todos vieram ver o ocorrido. Danilo tinha puxado o rabo de uma ratazana que naquele instante estava entrando no buraco e, seu rabo ainda continuava para fora. Quando ele puxou..."NHACO"... recebeu uma grande mordida! Socorrido pelos amigos foi levado ao hospital. Não foi grave a mordida, mas Danilo conseguiu juntar os convidados de antes que, sensibilizados, resolveram formar com ele o tão sonhado coral.

Bem, ele arranjou uma batuta de verdade com um maestro conhecido e, hoje, tem um coral e uma orquestra formada no bairro onde mora. Acredito que a varinha era mágica de verdade (risos).



## SOTECO, PASSADO E PRESENTE

Carlos Cesar Santana

No começo de sua existência, não passava de um endereço comercial que a partir de seu loteamento, tornou-se também democraticamente residencial.

Para um lugar de forasteiros, o bairro mostrou seu lado rural e acolhedor, pois a terra escolhida, acolhia pessoas de alma simples e com espírito empreendedor.

O Soteco, que no passado compunha uma grande extensão de terras valoradas somente pelo seu proprietário; a denominada “Sociedade Técnica Comercial”. O nome serviu de base para o que hoje compõe sua denominação como bairro de Vila Velha, tomou por empréstimo da referida sociedade, apenas suas sílabas iniciais, o SO de sociedade; o TE de técnica e o CO de comercial.

O passado glorioso do Soteco, nos remete ao tempo em que tinha o melhor time de futebol do Estado; o “Santo Antônio Futebol Clube”, lembrado pelos antigos moradores, os mais saudosistas, pelas conquistas de ter recebido na década de 1960, os times do Botafogo de Garrincha, Didi, Nilton Santos e companhia e em outra oportunidade: o Santos de Pelé, Zito e Coutinho com seu time de craques, em uma verdadeira aula de futebol.

Um dos moradores (Sr. Domingos Gobbi), relata que naquela oportunidade, quem conseguiu entrar no estádio do Santo Antônio, presenciou a obra prima de um espetáculo de futebol, promovido por Garrincha que com extrema habilidade, livrou-se de seus marcadores deixando-os desolados no chão.

Assim como no futebol, a música era única atração cultural que o bairro dispunha naquela época: o cine América, que em uma de suas maiores atrações, trouxe a Rainha da Era de Ouro do rádio, a mais famosa atriz e cantora, “Marlene”.

O fato pitoresco do espetáculo, foi o descrédito do público em relação a uma cantora internacional no auge de sua carreira, cantar em um cinema e justamente no bairro Soteco. Isso fez com que quase a totalidade dos moradores da época, não acreditar no anúncio do espetáculo, culminando na apresentação da cantora para um público de somente vinte pessoas.

De acordo com seus antigos moradores, o bairro também já contou com outras visitas ilustres como: o cantor Luiz Gonzaga, que se apresentou em um showmício promovido na época (década de 1960), pelo então candidato a prefeito de Vila Velha, “Américo Bernardes da Silveira”.



A outra atração que os moradores mais saudosistas não esquecem, refere-se à passagem do ex-presidente João Goulart pelo bairro, que em uma rápida visita ao Estado, em um avião monomotor aterrisou no antigo aeroclube de Vila Velha que na oportunidade localizava-se no Soteco.

O bairro em suas grandes transformações e evoluções, onde o antigo campo de futebol do Santo Antônio Futebol Clube foi transformado em uma escola de tempo integral a UMEF Professor Rubens José Vervloet Gomes. A escola, conhecida também como Vila Olímpica, com ótimos resultados tanto no campo educacional como nos seus vários projetos esportivos, foi agraciada como a única unidade escolar do Brasil a certificação de “Escola Coubertin”.

As antigas áreas do aeroclube no Soteco, que dentro de suas atribuições, fornecia treinamentos para pilotos; hoje, deu lugar ao Centro Esportivo Garoto; ao atual o Hospital Infantil e Maternidade Alzir Bernardino Alves—HIMABA e à única unidade do IFES, em Vila Velha.

Por fim, não podemos esquecer da atual UMEF Desembargador Cândido Marinho, uma unidade escolar recém municipalizada que até ano passado, pertencia ao Governo do Estado e hoje conta com um corpo docente multidisciplinar, abrigando em sua unidade nos dois turnos uma média 325 alunos, a qual serve de referência não somente para os moradores do bairro, como também dos bairros vizinhos.

## LÁ - ONDE ESTAVAM

Penha Franzotti Donadello

Ela o almejava pela enorme vontade de ficar com ele. Com zelo, respeito, dedicação e comprometimento. A vida só fazia sentido ao seu lado.

O anoitecer surge sempre carregado de beleza peculiar, diferenciada, nos tornando exigentes de aconchego, acolhimento - valores que só o coração entende. Assim, quando o sol se fazia poente dando lugar à noite, era quando mais sentia sua falta, lá, onde estavam.

Imaginava-o acariciando seus cabelos ouvindo-o à meia - voz, partilhando seus sonhos, e até os problemas, os risos, as lágrimas, entregando-se com ternura, afugentando o frio da alma. Apenas imaginava.

Devaneios, devaneios... Para atraí-lo, enfeitava-se de tênues flores do campo fazendo-se bela, lá - onde estavam. Ele a olhava, contudo não lhe alcançava a intenção. Ensimesmado em preocupações irrelevantes, voltadas para seu “eu” corriqueiro, sem o “nós” que aproxima e promove a cumplicidade e solidifica a relação.

Ela insistia: Bebia à luz do luar e trançava o brilho das estrelas iluminando-se para ele.

Distraído, lá, onde estavam, porém, não a percebia. Se perdia, conturbado em irrelevâncias insossas que mais mal lhe faziam. E, sempre lá, sob a claridade do luar ela banhava-se do manso sereno em dança de atração.

Ele viu, não a notara.

Não conseguia ele, transformar o afã da vida corrida em algo extraordinário, pois não vislumbrava a beleza existente nas entrelinhas... Era difícil entender que desafios existem, mas não podem comprometer a alegria de viver, como se sol, chuva, frio, calor não possuíssem belezas.

Insistente, ela, sabedora de que a vida não é fácil, mas que se deve fazer valer a pena, perfumou-se do aroma amadeirado das folhagens do bosque sob a chuva que mansamente chegava trazendo o frio. Lá onde estavam. Mas ele enfasiado, mantinha-se impassível. Ela enfeitou-se... iluminou-se... banhóu-se... perfumou-se... dançou, e... A noite se fez escura para ambos. Bem depois, muito depois, ele por fim, despertara.

Experimentou serenidade na alma; fora tomado por uma efusão de alegria e pressentiu-a de relance, entrevendo-a. Sentimento de liberdade a florara em si. Sentiu que a almejava também. Desejava-a ardentemente. Era seu porto seguro, sua paz. Enfim, a enxergara.

Percebeu o quão cego fora e agora tinha pressa. Entendeu que a vida é muito mais que situações terra-a-terra. Ansioso reuniu seu melhor sorriso, seu melhor abraço, sua melhor intenção e buscou-a loucamente. Onde quer que estivesse não a deixaria escapar.

Voltou inteiro para ela levando seu melhor. Mas... ela já não estava lá.



## O VAZIO NÃO FOI FEITO PARA SE IMPORTAR

Letícia Vilaronga

De repente, eu sou o vazio. Algo que se pode preencher, mas que não se preenche assim tão fácil. Saberes e memórias, tatos e histórias marcadas em minha pele, mas que não preencheram o eco que fazia a minha voz. Mas que seja como quiser! “O vazio não foi feito para se importar”.

Ele flutua em um suspiro e outro esperando uma palavra sequer, um acalento que o vá tirar dessa órbita infinita que não o prende aqui. E sabe-se lá em qual lugar ele está preso, e se um dia será capaz de se libertar sozinho.

Mas que seja como quiser! “O vazio não foi feito para se importar”.

Arrepio cada pelo de meu corpo quando me recordo que um dia já se quase preencheu o vazio. Mas não era um destino ou um fardo preso aos pés dos outros, como uma corrente que não se deixa partir. E mesmo já se quase preenchendo o vazio, ele não se deixou preencher. Caindo em si, sabia que o vazio pertencia somente a ele.

Ninguém merece ser acorrentado e forçado a preencher o vazio. Mesmo que seja uma fala hipócrita esta que sai da minha boca ou de meu punho já tão cansado de escrever em vão, pois eu mesmo me forço, eu mesmo me acorrento.

E as correntes presas em meus pés, ainda não me permitem dar um passo sequer antes que se preencha o vazio.

Cada deslize em minha pele a tornava aveludada, de repente. O vazio se preencheria com mais alguns deles, mais alguns olhares. Mas não houve nenhum. Nada que pudesse soltar as correntes do vazio. Nada que pudesse, de fato, preenchê-lo.

E tu me julgas pois, de repente, eu sou o vazio. Um espaço que não importa o quanto se preenche, ele nunca se dá por completo. Não se entende o motivo, nem ao menos se quer entender. A ânsia de preencher já não existe mais como antes.

Mas que seja como quiser! “O vazio não foi feito para se importar”.

Ai de mim esperar de pés acorrentados e de mãos atadas que um outro alguém se importe com o vazio. Mas ele também já não parece mais ligar, assim como eu, se haverá mais um toque ou um olhar sequer que pudesse preencher o vazio. Por enquanto, o vazio fica aqui, vazio, como só ele sabe ser, até que ele mesmo aprenda a se preencher sozinho.

Mas que seja como quiser! “O vazio não foi feito para se importar”.



## A MENINA QUE QUERIA SER A MARIA

Edina Pereira dos Santos

A vila de pouco mais de duas mil almas parecia, à primeira vista, um cenário de leveza, um mundo em miniatura, onde as alegrias e os dramas da vida se misturavam na poeira das ruas de terra, eram moldadas por casas simples e nas tardes douradas de brincadeiras despreocupadas. A infância ali, como em tantos outros lugares, era pontuada por risos que ecoavam entre as casas simples e os aromas de pão assando no forno à lenha. Crianças corriam em brincadeiras que transformavam latas em tesouros e paus em espadas.

Era fácil se perder na doçura das coisas pequenas: a roda na praça, o sol escaldante das manhãs e o cair da chuva no telhado. Mas havia um peso, silencioso e constante, que muitas vezes se sobrepunha ao encanto da infância. No entanto, o riso constante carregava também o peso de um silêncio denso, aquele que surgia quando o preconceito se insinuava como uma sombra.

Para ela, a menina de olhos vivos e pele negra, esse peso era inevitável. Seu nariz, alvo constante de zombarias, tornou-se um símbolo do preconceito que permeava as relações mais cotidianas.



Nariz de batata”, diziam, entre risadas que feriam como lâminas. Cada palavra era uma reafirmação do lugar que outros tentavam impor a ela — um lugar de exclusão, de menosprezo. Mas, ainda assim, ela resistia. Responder com a mesma ferocidade não fazia parte de sua natureza; ela escolhia, ao invés disso, silenciar as lágrimas, guardando-as para os momentos em que a noite era sua única testemunha.

Tudo se tornou mais claro — ou mais cruel — em um certo domingo, durante a preparação para a peça de Natal na igreja. A apresentação era o grande evento do ano, e todos ansiavam por um papel de destaque. Quando o padre mencionou que precisavam de uma Maria, ela ergueu a mão imediatamente, o sorriso radiante iluminando seu rosto. Queria ser a mãe do Salvador, trazer à vida aquela figura que, na sua imaginação, era símbolo de amor e coragem.

Mas a resposta veio como um golpe. “Não, querida. Esse papel não é para você.” As palavras vieram suavizadas por um tom que tentava mascarar a brutalidade do que realmente diziam. Naquela vila, Maria não podia ser negra.

A menina não respondeu, mas por dentro sentiu um pedaço de sua alegria escorregar por entre os dedos. Voltou para casa mais silenciosa do que o habitual, os olhos cheios de perguntas para as quais sabia que não haveria respostas. Por que seu nariz, sua pele, sua existência eram motivos para não ser escolhida? Por que sua humanidade precisava ser constantemente negada em gestos tão sutis e palavras tão comuns?

E, no entanto, mesmo com tudo isso, havia força naquela infância. Entre as dores, ela encontrava formas de criar. Os campos além da vila se tornavam cenários de seus próprios espetáculos, onde ela era Maria, princesa, heroína. Seu sorriso resistia, assim como seu desejo de ser vista além das limitações que outros impunham.

A vila, tão pequena em tamanho, era imensa em contradições. Enquanto as pessoas rezavam por perdão e amor nas missas dominicais, perpetuavam, sem hesitação, os preconceitos que feriam uma menina como ela. Mas, no fim das contas, talvez não fosse a vila que precisasse crescer. Era o mundo inteiro.

E, enquanto isso não acontecia, ela seguiria lutando, com a mesma coragem que um dia a levou a erguer a mão na igreja. Afinal, mesmo que negassem o papel, sua história continuaria sendo escrita. E, dessa vez, ela seria a protagonista.

## MAIS UM DIA

Aline Laranjeira



Acordo todos os dias e vou trabalhar com a minha bicicleta, a não ser que esteja chovendo, então vou de outro jeito e, assim, começo o meu dia.

Enquanto pedalo por volta das sete horas da manhã, a única hora do dia que é somente minha, um momento desfrutável, um ventinho que bate no meu rosto e aproveito pra pensar. Penso sobre a vida, na vida que estou deixando para trás e na vida que me deixou, pensamentos recorrentes dos últimos dois anos.

Deveria ser proibido, na lei da vida, um filho perecer antes de seus pais. Penso no filho que me tornou mãe (melhor dia da minha vida) e que partiu na manhã de um sábado ensolarado (pior dia da minha vida), apesar do céu azul. Para o dia ser triste não precisa ser nublado, nem fechado. Adoro dias com céu encoberto, com uma pitada de chuva até pode ser, ele traz cheiros de afetos e parece tão acolhedor.

Eu pedalo todos os dias e penso: “Mais um dia. Aguenta!”. O ser humano é mesmo extraordinário. Nasce, vive e morre. Chora, se alegra e sofre. Sabe que nada é para sempre, mas vive como se fosse. Quando vem a dor, ele se exaure, aflige-se. Nada como o tempo, dizem. O tempo cura quase tudo, mas há dores que não se curam jamais, elas ficam guardadas, amalgamadas, dentro do peito daquele que perdeu um pedaço de si.

## A BELA DAMA

Maria Eduarda Lana

Enquanto jogam a terra no buraco que colocaram seu caixão percebo que nunca pensei que teria que dizer adeus a você algum dia, mas agora entendo que só tentei negar o inegável, pois sempre teremos que dizer adeus às coisas, às pessoas, por melhores que elas sejam, afinal “tudo que é bom acaba”, né?

Após um mês que você morreu, finalmente criei coragem para vir te ver. Entro no cemitério e caminho silenciosamente entre o verde das árvores e o cinza das lápides até a sua lápide, ao encontrá-la a observo, vejo os escritos, “filha, irmã e esposa amada”.

Sorriso fraco e me sento em frente à lápide, coloco um girassol ao lado dela e sorrio com tristeza olhando-a.

Isso sempre foi o que você significou para mim, se eu pudesse te descrever como uma cor, seria o amarelo, pois ele é vibrante e alegre como você era, sempre com o seu sorriso iluminando tudo ao seu redor, sempre com vestidos esvoaçantes e de cores vibrantes, sempre com o cabelo solto e por algum motivo sempre balançando ao vento.

Respiro profundamente tentando conter as lágrimas que começam a transbordar em meus olhos, isso sempre me fascinou em você, a forma como via o mundo. Acho que por isso o girassol sempre me lembrou de você, ele segue o sol e vibra na mesma cor que ele, assim como você vibrava como o Sol, sempre sorrindo e o seguindo.

Algumas lágrimas rolam em minha bochecha, eu as seco e volto a falar. Você não sai da minha cabeça desde que se foi, na verdade acho que você não sai da minha cabeça desde que eu te conheci naquele parque, com você cantando e dançando, como se estivesse sozinha, sem ligar se tinha alguém olhando ou julgando, você apenas dançava. Acho que foi bem ali que eu me apaixonei e foi a partir daí que você nunca mais saiu da minha cabeça, mas agora dói quando me lembro de você, que por sinal é o tempo todo, dói saber que eu nunca mais vou te ver. Antes, lembrar de você era como um raio de sol diretamente no coração, hoje está mais para um raio que invade e queima o coração, que arde e traz uma dor insuportável, uma dor... não consigo falar, o nó na minha garganta me impede de continuar, a dor me impede de falar com ela, com o amor da minha vida; não insisto em continuar falando, pois sei que se tentar não conseguiria parar de chorar. Por isso me levanto e vou embora, vou para casa, onde posso chorar, onde posso desenhá-la, guardá-la em minha memória.

Ao chegar em casa coloco meu avental de pintura e amarro o cabelo em um coque, sento em frente ao cavalete que tem sua pintura inacabada dela, comecei essa pintura no dia em que ela morreu, eu precisava, precisava eternizar minha última memória dela. Sento no banquinho e fecho os olhos e respiro fundo, deixando que a minha mente se acalme e se concentre apenas na minha última memória dela, das árvores balançando,

dela sorrindo, do cabelo que mal chegava aos ombros balançando, do vestido amarelo florido, de cada detalhe. E com os olhos abertos, de novo, pinto tudo o que me lembro, giro de um lado para o outro rapidamente, pego os pincéis e coloco a tinta na tela, não sei por quanto tempo a pinto, mas sei que só paro quando acabo a pintura. Sorrio olhando para ela, o nó em minha garganta só aumenta, mas então eu enfim deixo que ele se desfaça e deixo que as lágrimas corram por minhas bochechas enquanto olho para a pintura terminada, e por maior que seja a minha dor ao olhar para a tela consigo sentir uma leve felicidade, um conforto, o mesmo tipo de conforto que sentia com ela, é quase como se ela estivesse aqui, me olhando, cuidando de mim, e por isso sorrio mais.

Assino meu nome no canto inferior direito da tela e atrás colo a carta que escrevi para ela, viro a tela para mim novamente e me levanto, tiro o avental e deixo em cima do banquinho que estava sentada, caminho até a porta do quarto, fecho a porta e a tranco com um sorriso no rosto e uma lágrima na bochecha.





## BORBOLETA

Danieli Cavalcanti

Ela queria poder voar, mas era apenas uma lagarta. Então, esperou ansiosamente até que suas asas nascessem. E, quando nasceram, eram belas e coloridas, as mais lindas que um dia adornariam o céu.

Mas essas asas tão perfeitas não foram capazes de levá-la do chão. Por mais que a borboleta se esforçasse, ela simplesmente não conseguia voar.

Com o tempo, aprenderia a voar — essa era a promessa. Mas esse dia nunca chegou, e a borboleta permaneceu presa ao chão.

Uma borboleta incapaz de voar perdia sua essência, seu propósito, seus sonhos.

Mas não sua vida.

A borboleta, que antes havia sido um ovo, uma lagarta, agora precisava se reinventar. Retornaria à crisálida.

Talvez ela nunca alcançasse o céu, mas borboletas não precisam voar para tocar o alto. Elas podem alcançar as flores, as árvores ou o que quer que desejem. Mesmo que o caminho seja mais longo e complicado, escalando folhas e galhos, ainda podem contemplar a beleza da natureza.

E assim, a borboleta tocou o alto de uma maneira que nenhuma outra jamais havia alcançado: a redenção.

## PERMITA-SE

Rosineide Reis Santos

Quando sentir que é demais,  
Permita-se parar, respirar,  
Se aninhar no silêncio do seu ser.  
Não somos obrigados a ser fortes o tempo todo.

Deixe-se derreter ao som de uma melodia,  
Sorrir ao sentir o perfume da lembrança,  
Arrepiar com o que acende a alma.

Permita-se amar sem limites,  
Ouvir os ecos que acalmam o coração,  
Sentir-se inteiro, sem medo do que vem de dentro.

E, quando for a hora de seguir,  
Volte... com a certeza de que entregou o melhor de si,  
Que sua alma repouse em paz,  
Que a gratidão transbordou em seu peito,  
E que seu corpo dança em sintonia com sua essência.

Permita-se,  
E seja feliz, sem restrições,  
Sem pressa,  
No seu tempo,  
Na sua verdade.



## CALMA MENINA

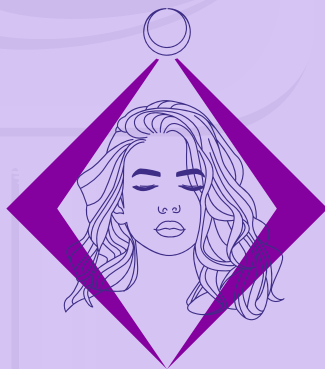
Ângela Gabriela

Calma, menina, sei que dói,  
não desista, és ainda uma menina.  
Sei que a vida não é brincadeira,  
os abraços são falsos, o carinho é escasso.

Mas mesmo assim, não desista, menina,  
o mundo tem sido cruel contigo,  
mas precisa da tua visão,  
da tua gentileza, para desarmar o destino.

O horizonte é incerto, decepções machucam,  
a decepção gera sua frieza;  
chegou ao fim?

Pessoas não se importam, mas não é o fim.



## ACRÓSTICO

Neida Neves

**E** prognosticou o poeta:

**L**eiam " ...livros à mão-cheia "

**A**bençoado é quem semeia

**S**ó leva o povo a pensar

**E** "... é germe - que faz a palma "

**S**ic- "... é chuva que faz o mar "

**C**astro Alves, inesquecível

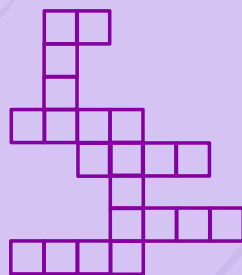
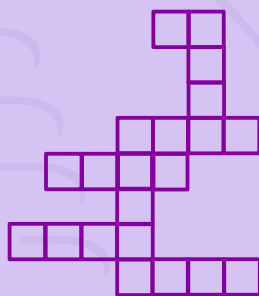
**R**ecantado em e-book

**E** as vozes femininas

**V**alorizam a criação

**E**xpandem nossa cultura

**M**ostram-nos a Jordem Edição!



## O ATELIER DO ARTISTA

Sonya Ramos

O atelier de muitos artistas no passado era fechado. Mas houve um grupo que rompeu com isto e saiu em busca de inspiração ao ar livre procurando respostas diferentes na pintura de uma mesma paisagem nas diversas horas do dia. Nem todos se tornaram paisagistas, mas exploraram a luz e a cor nas suas obras, estes artistas foram chamados impressionistas. Um dos artistas que mais gosto deste período é Claude Monet com suas experiências pictóricas em Giverny, na França. Pois ele construiu um jardim em volta da sua casa para pintar. Uma maravilhosa experiência familiar e de atelier!

Nesse texto, conto sobre as experiências imagéticas do meu jardim-atelier e porque dei a ele o nome de *Suspense Garden*.

Nele até parece que as flores falam, pois sempre encontro muitos pássaros, borboletas e abelhas visitando. Há um espaço que fica na altura das copas das árvores (daí o nome "*my Suspense Garden*") onde os sabiás, beija-flores, bem-te-vis e rolinhas ficam cantarolando durante o dia até o cair da tarde, quando retornam para os ninhos deixando para traz os mais lindos entardeceres.

Meu papel neste lindo cenário é apreciar, fotografar e pintar... mas, como toda pessoa que ama plantas, separei um canto deste jardim para minhas experiências de horta. São pequenos vasos e um canteiro com cebolinha, hortelã, manjeriço, pimenta malagueta, tomate e agrião que uso no preparo das refeições que ficam mais saudáveis, coloridas, saborosas, regadas com um bom azeite como pede uma boa cozinha mediterrânea.

Devido à beleza das flores e das folhagens comecei a me dedicar a outra paixão: as Artes Plásticas. No início foi difícil conciliar as atividades da casa com o preparo de um portfólio com desenhos ou aquarelas florais e escrever crônicas sobre esta minha arte de ver o verde. Contudo valeu a pena, estou feliz pois tenho construído uma narrativa para o trabalho artístico que desenvolvo.

Sim... Projetos é que não faltam! Pois a cada dia é uma nova experiência de sabores e cores nesta inspiradora convivência com as flores e as plantas.



## CARA, MELO

Danieli Cavalcanti

A história começou antes de o Dudu nascer,  
Quando mamãe adotou uma cachorrinha abandonada,  
Deu um banho nela, pôs uma fita e prometeu que Melo  
seria amada.

Melo tinha um novo lar,  
Um amigo que logo iria nascer,  
E muitas aventuras eles iriam viver.

No primeiro ano, Dudu ganhou muitos brinquedos, mas  
nenhum mexeu com o seu coração.

O bebê gostava mais de brincar com as panelas  
esparramadas pelo chão.

E a Melo, na janela, esperava um pouquinho de atenção.

Com dois anos, Dudu brincava com o avião,  
Mas nada por muito tempo chamava sua atenção,  
E a quatro patas solitária esperava no portão.

Aos três anos, foi a vez da bola vaivém,  
Mas o Dudu já não gostava de ser chamado de neném,  
E a menina, no cantinho, só querendo o carinho de  
alguém.

Dudu chegou aos quatro anos difícil de agradar,  
Ganhava um brinquedo e, pouco depois, não queria mais brincar,  
E a Melo só queria alguém para sair para passear.

Tudo mudou aos cinco anos quando a tecnologia chegou,  
Nem trenzinhos,  
Nem barquinhos,  
Nem o fusca trovão.

No celular, o menino tinha tudo, menos a foto da... Melo.  
Melinha?  
Esqueceram a porta aberta, e Melo saiu pelo portão.

Preocupados, papai, mamãe e Dudu procuraram a cachorrinha amada.

O menino avistou Melinha debaixo de uma árvore, assustada.

Dudu atravessou a rua para buscá-la, mas passou um carro apressado.

Melo enfrentou seus medos e impediu Dudu de ser atropelado.

Melinha machucou a patinha,  
Mas foi cercada de mimos e muito bem cuidada,  
Ganhou de volta a sua fita,  
E todos os dias foi lembrada de quanto era amada.



## A SEREIA DE MEAÍPE

Amanda Carvalho Oliveira

O Brasil é um país repleto de belezas naturais, sendo o quinto maior do mundo em extensão territorial e o maior da América do Sul. Composto por 26 estados e o Distrito Federal, o país abriga inúmeras histórias e lendas fascinantes.

Em um desses estados, o Espírito Santo, localiza-se a cidade de Guarapari, famosa por suas praias paradisíacas. Uma delas, a Praia de Meaípe, já foi considerada uma das dez mais bonitas do Brasil. É nesse cenário encantador que nasce a lenda da “Sereia de Meaípe”.

Há muito tempo, a região de Meaípe era habitada pelos índios Goitacazes, conhecidos por sua ferocidade, destreza na corrida e habilidade como nadadores. Em um dia ensolarado, com o céu límpido, um navio vindo da Holanda — país distante localizado no continente europeu — naufragou nas águas de Guarapari. Alguns tripulantes conseguiram sobreviver e nadaram até a praia de Meaípe. Encantados com a exuberância do lugar, que parecia um verdadeiro paraíso, ficaram deslumbrados com o nascer e o pôr do sol em tons de rosa, azul e branco — as mesmas cores que, mais tarde, inspirariam a bandeira do Espírito Santo.

Por outro lado, os índios Goitacazes ficaram intrigados com os recém-chegados. Os holandeses tinham pele clara, olhos azuis como o céu e cabelos dourados como o sol, o que fez com que os indígenas acreditassem que aqueles homens poderiam ser enviados pelos deuses do oceano. Com reverência, ofereceram-lhes frutos, mel e redes para repousar à sombra das árvores.

Com o passar do tempo, os holandeses adaptaram-se aos costumes dos índios e começaram a se casar com as filhas dos chefes das tribos. Entre eles, estava Augusto, um jovem marinheiro que, às vésperas de seu casamento, decidiu caminhar pelas praias de Meaípe para contemplar a natureza. Durante seu passeio, Augusto se perdeu pelo litoral. Quando a noite caiu, já cansado e tomado pelo sono, foi surpreendido pela visão de uma mulher deslumbrante. Ela tinha cabelos ondulados, olhos que brilhavam mais que diamantes e uma voz doce e suave. Encantado, Augusto convidou a misteriosa mulher para sentar-se ao seu lado, mas ela mergulhava e reaparecia, cada vez mais bela. Fascinado, ele observava sua brincadeira com admiração.

Cansado, Augusto adormeceu ali mesmo, na areia da praia. Ao despertar, decidiu construir uma cabana, determinado a descobrir se a visão da noite anterior era real ou apenas fruto de sua imaginação.

Na noite seguinte, a bela mulher voltou a surgir, ainda mais encantadora, com um sorriso radiante e um brilho multicolorido. Tomado pela curiosidade, Augusto gritou em direção ao mar, perguntando seu nome. De lá, ouviu uma voz suave responder: "Mariana."

Hipnotizado pelo doce canto de Mariana, Augusto entrou no mar, nadando em direção à sua amada. Assustada, ela implorou que ele voltasse para a praia, temendo que a Mãe d'Água, guardiã do oceano, o punisse. Contudo, Augusto, tomado pela paixão, não ouviu o apelo de Mariana. Enfurecida, a Mãe d'Água transformou-o em pedra.

Desde então, a lenda conta que, ao pôr do sol em Meaípe, quando os raios azuis descem do céu e tocam a terra formando um magnífico e exuberante leque luminoso, algumas pessoas podem ouvir o doce canto da sereia e avistar Mariana sentada sobre um rochedo, cantando em saudade de seu amor perdido.



## CROCHÊ

Rita de Cássia Menezes

Ela tecia e tecia!

Teceu a vida entre linhas e agulhas e com elas, escreveu histórias. Novelos coloridos se entremeavam entre os dedos e pescoço, flutuando no cesto, que ela, amorosamente, arrastava como um souvenir pelos quatro cantos da casa.

As linhas entre seus dedos narravam histórias da família. Para cada uma que tecia, tinha uma aventura para contar.

Famosos eram os cachecóis que produzia para que pudéssemos nos esquentar nos lugares frios por onde íamos.

Quando o tempo era curto, corria pela casa enrolada nas linhas para cuidar do todo. Meu pai dizia: "um para dentro e dois para fora. Assim, Maria segue seu dia, burlando a hora."

Ah, Maria! Se soubesse que essas eram as laçadas de uma vida sendo escrita no tear da memória! Ficou lá o registro, que ela reproduz hoje, no cenário que o Alzheimer fantasiou.



Aos 90 anos, "finge" que a vida segue normal. Passeia pela imaginação com suas produções, para os que moram no seu acervo. Sempre com dia certo para entrega.

Observo-a na infinitude do seu leito e vejo suas mãos dançarem no ar como bailarinas. E assim, ela finge a vida que restou com o Alzheimer. Maria, simplesmente Maria! Diz não ter mais sobrenome, enquanto suas mãos encenam laçadas de um crochê que ilustra a sua vida.

É certo que meu pai, se estivesse ali, repetiria: "um para dentro e dois para fora. Continua Maria driblando a hora."

Homenagem à minha mãe, Maria Alda.

## O VELHO E O MENINO

Ana Maria Cacia

Um menino voltava da escola quando viu um velho tristonho, sentado à beira de um lago.

O menino se aproximou e perguntou:

-O que está fazendo?

-Nada. -Não está vendo? Respondeu o velho.

-Por que não faz alguma coisa? Retrucou o menino.

Nesse instante, o velho começou a atirar pedras dentro do lago.

-Não é isso, falou o menino. -Eu quis dizer, algum trabalho.

-Porque estou cansado.

-Como está cansado, se não faz nada?

-Fazer nada cansa mais do que trabalhar.

-E por que não trabalha?

-Porque estou cansado. Ora...

-Por que não descansa?

-Não consigo.

-E se parar de atirar as pedras?

-Não é o meu braço que está cansado.

-Então, o que é?

O velho não respondeu. Irritado, o menino pegou sua mochila e disse:

-Vou para minha casa. Já estou cansado!



DANÇA DA ONÇA, DANÇA DA CRIANÇA  
Monique Ruas

Era uma vez uma criança,  
Que morava na infância,  
Que fazia uma dança,  
Parecida com a onça.

Como é que a onça dança?  
Eu nunca vi uma onça,  
Mas sei imitar uma dança.  
Primeiro, vamos girar feito criança,  
E está feita a nossa dança.

Mas eu ainda não vi a dança da onça.  
Será que ela gosta de criança?  
Bom, essa resposta eu não sei,  
Mas eu sei que o lugar da onça é na natureza,  
E o lugar da infância é onde  
Seu coração não se cansa  
De dançar sendo criança.



## O QUE ENLOUQUECEU?

Isabel Menezes

Em voz uníssona a humanidade grita:

O clima enlouqueceu!  
Onde seria chuva é sol  
Onde seria vento é vapor  
Onde seria frio é calor.  
Onde seria verde é secura  
Onde seria relva é fogo.  
A natureza descontrolada  
Burla as leis da criação  
E as estações indefinidas  
Se chocam, se misturam.  
Não se encontram em seu verdadeiro Eu,  
Vegetam despersonalizadas  
Desestabilizadas, carentes de ordenamento.  
Onde isso tudo começou?  
No pensamento dos humanos  
Na ação pessoal de cada pessoa  
Em achincalhar as leis do Criador.  
Se mutilando, se enganando,  
Se desestabilizando  
Se despersonalizando.  
Assim, tocou no sagrado  
No natural  
E o descaracterizou.



## SE ESSA RUA FOSSE MINHA...

Neusa Jordem

A rua onde moro é a mais linda que há.  
Aqui fiz amigos pra vida inteira.  
Minha casa tem quintal e flores no jardim,  
a lua deixa rastro num caminho sem fim.

É aqui que brinco horas  
e não quero mais parar.  
Os meninos brincam de queimada,  
as meninas, jogam pelada.

Na minha rua, posso tudo:  
no chão, fazer estrela,  
brincar de poesia  
e até plantar bananeira.

Minha rua, estrada de chão...  
O caminho, que eu mesmo traço,  
começa a existir quando passo.

# LITERATURA COM PSICANÁLISE

Maria Celeste Lima de Barros

## Intertextualidades

É a partir das muitas incursões de Sigmund Freud no campo das letras que os psicanalistas buscam a literatura como parceira para o entendimento da alma humana.

Lacan, seguindo a via aberta por Freud, chega a nos dizer que a literatura é necessária ao entendimento do texto psicanalítico. O próprio Freud buscou nas obras literárias sua inspiração, seus métodos de pensamento e suas armas técnicas, colocando-as como condição a qualquer instituição de ensino da psicanálise.

Algumas obras foram buscadas tanto por Freud, quanto por Lacan para, guardadas as subjetividades de seus tempos, seus singulares estilos e a particularidade dos seus objetivos, estabelecer com a arte uma interlocução possível entre as descobertas da psicanálise e o que a arte, sobretudo o escrito literário, tem a nos ensinar.

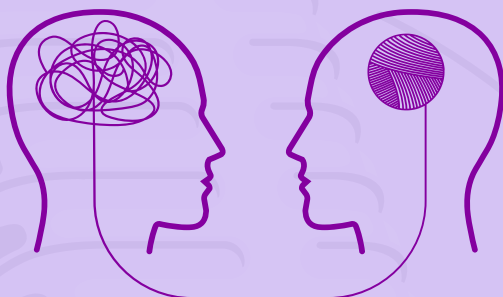
Ora, não é possível se utilizar de uma obra literária, em interlocução com nosso campo, sem conhecê-la. Também não é possível compreender uma obra psicanalítica, inspirada/ilustrada em/por uma obra literária, sem experimentar as afetações que tal obra de arte possa provocar em nós, enquanto leitores.

Ler “Ulisses”, de James Joyce, por exemplo, articulado à “Odisseia”, de Homero e ao Seminário 23, de Jacques Lacan, pode tornar-se um desafio com promessa de grandes e felizes descobertas. Na obra de Joyce, um herói contemporâneo vive em um único dia, considerando os atropelos e correrias da vida moderna, uma experiência semelhante à aventura experimentada pelo herói épico Ulisses, que se desenrolou integralmente durante 20 anos. Lacan, psicanalista francês, juntou essas duas obras gigantes e, partindo daí desenvolveu uma importante teoria da clínica psicanalítica.

É uma aventura estabelecer um diálogo entre o Ulisses, de James Joyce e a “Odisseia” de Homero que, como poema épico, retrata em versos as ações heroicas do admirável Ulisses, em sua volta para casa, após a guerra de Tróia e resgatar Helena, que havia sido raptada por Páris, e devolvê-la a Menelau, seu marido.

James Joyce, inspirando-se na “Odisseia”, escreve sua versão em prosa a respeito da aventura, projetando o herói homérico, na rotina de um dia de um homem moderno, que sai de casa pela manhã e retorna à noite, após vários acontecimentos.

Ler o “Ulisses”, de Joyce, em articulação à “Odisseia” de Homero, somado às formulações terapêuticas lacanianas é muito mais do que um estudo cheio de erudição, é fonte inesgotável de descobertas, aprendizagem e prazer. O prazer do texto aqui é indiscutível.



À medida que lê, cada leitor extrai saberes da leitura e, ao utilizar de seu repertório singular, agrega aí também algo de si. Freud e Lacan nos exortam a ler os autores. Assim, vamos constatando que ler, além de tudo ensina, faz bem à alma e alegra o coração.

## DIÁRIO DE ZITA

Rita de Cássia Côgo

Querido diário,

Todo ano é a mesma coisa; quando voltam as aulas, temos sempre que dizer o que fizemos nas férias.

Eu já estou acostumada e fico sempre ansiosa e imaginando o que irei dizer, falar ou até mesmo desenhar o que a professora pedir.

E o que mais gosto mesmo é dos cadernos, lápis, borracha nova.

Tudo é quase novo. Às vezes, minha mochila fica conservada e minha régua é pouco usada, e aí já viu, né? Tenho que aproveitar e usar a mesma mochila... Isso é chato! Mas tenho que compreender e ajudar meu pai nas despesas, e aí logo aceito.

No primeiro dia de aula, acordo cedo e deixo minha mochila arrumada anteriormente, tomo aquele banho gostoso e peço à mamãe para fazer um penteado bonito.

É para chegar, chegando... Quando vou à escola, nossa! Reencontrar minhas colegas e os meus colegas é sempre bom...

E a escola fica bem bonita também, fica cheia de coisas novas e cartazes de boas-vindas, tem sempre apresentação dos professores e alguns são novos na escola, e sempre saímos mais cedo. O tempo passa tão rápido e tem tanta coisa, novidades, que às vezes me esqueço da hora.

Minha letra, eu capricho bem! Fica superbonita e minhas pinturas então, nem parece que fui eu que pinte!... Fica linda!

Meu coração sempre fica acelerado! Eu começo a pensar: "Será que vai ser mais difícil a nova série que irei estudar?" "E será que estudarei na mesma sala?"

"Tomara que seja o mesmo professor de educação física, ele é superlegal.

Minha amiga Clarinha falou que a professora de matemática será outra. Meu Deus!

Coração de estudante é assim mesmo! Bate forte!

Mas aos poucos vamos nos acostumando com a nova rotina e com as novidades.

E no piscar de olhos, o final do ano termina, ficamos muito cansados!

E saímos de férias, ficamos aliviados, mas também ficamos logo entediados!

Vida de estudante é engraçada!

E deixo aqui, meu amigo diário, mais um texto registrado.

Zita



Que a gente se ame  
De corpo inteiro  
De ponta cabeça  
Dos pés ao cabelo.

Que a gente se ame  
De corpo e alma  
Por dentro, por fora  
Sem medos, sem traumas.

Que a gente se ame  
Sempre por inteiro  
Que se abrace, se acaricie  
Que sinta nosso cheiro.

Que a gente se ame  
Com um amor infinito  
Daqueles que transbordam  
Que elevam o espírito.

Que a gente se ame  
Como se ama o sol  
Que a gente viva de frente pra luz  
Como vive um girassol.

Que a gente se ame  
Como amam os animais  
Que uivam na madrugada  
Para as estrelas celestiais.

Que a gente se ame  
Com liberdade e paixão  
Que em nosso espelho  
Não reflita discriminação.

Que a gente se ame  
Em todo e qualquer lugar  
Em qualquer hora do dia  
Na praia, na areia, no mar...

Que a gente se ame  
Em qualquer estação  
Pelada ou vestida,  
Arrumada ou não!

Que a gente se ame  
Com força e determinação  
E que nada impeça  
Os desejos do coração.

Que a gente se ame  
Ao dormir e ao acordar  
Sem pressa, sem medo  
Sem hora, sem pestanejar.

Que a gente se ame  
De maneira atrevida  
Com um amor abundante:  
Um amor de toda vida!